



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA JOSEILMA LAURENTINO CUNHA

**MONTEIRO LOBATO E OS CONTOS FOLCLÓRICOS EM *HISTÓRIAS
DE TIA NASTÁCIA***

GUARABIRA-PB

2018

MARIA JOSEILMA LAURENTINO CUNHA

MONTEIRO LOBATO E OS CONTOS FOLCLÓRICOS EM *HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Licenciatura Plena em letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas, do Departamento de Letras, Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C972m Cunha, Maria Joseilma Laurentino.
Monteiro Lobato e os contos folclóricos em histórias de Tia Nastácia [manuscrito] / Maria Joseilma Laurentino Cunha. - 2018.
31 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura infantil. 2. Contos folclóricos. 3. Histórias de Tia Nastácia. 4. Monteiro Lobato. I. Título
21. ed. CDD 028.5

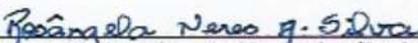
MARIA JOSEILMA LAURENTINO CUNHA

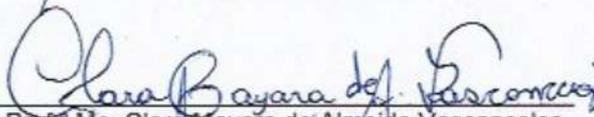
**MONTEIRO LOBATO E OS CONTOS FOLCLÓRICOS EM HISTÓRIAS
DE TIA NASTÁCIA**

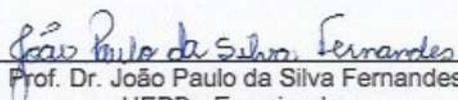
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção do
Grau Licenciada em Letras.

APROVADO em 27 de novembro de 2018

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB - Orientadora


Prof.^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
UEPB - Examinadora


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
UEPB - Examinador

AGRADECIMENTOS

“Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Misa e Sem, e lhe chamou Ebenézer, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR.” (1 Samuel 7:12 RA).

A Deus, primeiramente, por ter me dado saúde, perseverança e força para superar todas as dificuldades que surgiram ao longo desses anos. A Ti, Senhor, toda a honra e toda a glória, és o autor e consumidor de todas as coisas, inclusive da minha vitória. Senhor, obrigado porque até aqui a Tua mão me guiou, me sustentou e me permitiu, mesmo em meio as lutas, chegar aqui e vencer. O Teu amor infinito tem sido o meu refúgio e o meu sustento.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), minha casa nestes últimos anos, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora, professora Dr.^a Rosângela Neres, amiga, conselheira, confidente e, sobretudo, a representação de uma mãe que a vida e a academia me deram, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, pela sua dedicação. É um exemplo de mulher, sua elegância e educação me fascinam. Quando eu crescer quero ser parecida com ela.

Aos meus pais, paiinho José Firmino Cunha e mainha, Olívia Laurentino (*in memorian*), a vida me tirou vocês, mas serei eternamente grata pelo amor, incentivo e apoio incondicional que sempre me devotaram. As lágrimas jamais cessarão, mas, hoje, mais que nunca são de alegria, pois sei que estão felizes comigo e ao meu lado vibram com essa conquista.

Ao meu esposo Jair, companheiro fiel e apoiador incondicional. Obrigado amor pela companhia nas horas de choro e por me dar força para continuar, mesmo nas horas em que pensei que não seria capaz.

Ao meu filho, meu pequeno Victor Hugo, você entrou comigo neste curso, como uma sementinha, cresceu e hoje vai colher os frutos a meu lado. Obrigado pelo seu olhar de luz que sempre me iluminou e incentivou. Por você, eu ultrapasso montanhas.

Aos meus irmãos, Joseilson, Josélio e Joseane, pela torcida e confiança.

As minhas amigas Jaciele Cruz e Joana, a amizade de vocês me incentiva muito.

Ao eterno professor Ms. Felipe Pereira, suas aulas me inspiraram a ingressar no curso de Letras. Obrigado pelo apoio e pela leitura crítica deste trabalho.

A professora Ms. Maria Aparecida Nascimento de Almeida, pelo aprendizado e pela inspiração.

Ao prefeito Melquíades Nascimento e a primeira dama Josélia Nascimento.

A Secretária de Educação do município de Mulungu-PB, Dona Graça Camilo, pela oportunidade de praticar a docência e poder decidir que é esse o caminho que quero seguir.

Aos professores da banca examinadora, professora mestra Clara Mayara e professor doutor João Paulo Fernandes, pelo tempo, pelas sugestões e valiosas leituras de meu TCC.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Um país se faz com homens e livros.”

- Monteiro Lobato

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	10
2.1 .Os contos de fadas e os primeiros passos da literatura infantil	13
2.2 A literatura infantil e juvenil no Brasil	16
2.3 A produção literária de Monteiro Lobato e sua influência sobre a literatura infantil brasileira	18
3 MONTEIRO LOBATO E A VALORIZAÇÃO DO FOLCLORE BRASILEIRO	21
4 TIA NASTÁCIA E A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA	22
4.1 O bicho Manjaléu	25
4.2 A Madrasta	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

MONTEIRO LOBATO E OS CONTOS FOLCLÓRICOS EM *HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA*

CUNHA, Maria Joseilma Laurentino¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a importância da personagem Tia Nastácia em apresentar as histórias do folclore brasileiro às crianças do *Sítio do Picapau Amarelo*. Na obra *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato, publicada em 1937, vemos a personagem como representante do povo, contando as histórias que sabe e mostrando aos demais personagens do Sítio a importância da nossa cultura popular. Para cumprir nosso objetivo, buscamos os estudos de autores como Abramovich (1990), Bettelheim (2008), Cademartori (2006), Lajolo (2001), Zilberman (2003), dentre outros. Para ilustrar como as histórias contadas pela Tia Nastácia chamam a atenção das crianças, escolhemos dois dos contos populares, *O bicho Manjaleú* e *A Madrasta*, apontando os elementos folclóricos neles contidos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Contos folclóricos. Histórias da Tia Nastácia.

1 INTRODUÇÃO

Quem nunca leu um texto de Monteiro Lobato? Quem nunca assistiu ao Sítio do Picapau Amarelo? Quem nunca se encantou com as aventuras de Pedrinho? Ou com as travessuras da boneca falante Emília? Ou com as espertezas do sabugo falante? Tudo isso e muito mais faz parte da grande obra do escritor Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato foi um grande autor brasileiro, contista, ensaísta, e tradutor. Escreveu diversos livros, e é considerado um dos iniciadores da literatura infantil no Brasil. Em sua literatura, reescreveu os tipos nacionais, o folclore e tornou-se reconhecido pelos personagens diferentes do Sítio do Picapau Amarelo.

Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar a presença de elementos da cultura popular na produção literária de Monteiro Lobato, especificamente na obra

¹ Graduanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: joseilma.laurentino@gmail.com

Histórias de Tia Nastácia, nos contos *O bicho Manjaléu* e *A Madastra*. Identifica elementos da cultura popular e do folclore, a fim de verificar como esses elementos contribuem para a valorização da cultura brasileira.

Para tanto, nossa pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico se voltou para a importância da personagem Tia Nastácia e para uma leitura dos contos supracitados, tomando por base o estudo de teóricos da literatura infantil brasileira, tais como: Zilberman (2003); Cademartori (2006); Lajolo e Zilberman (2003); Souza (2012); dentre outros.

Desse modo, o trabalho está dividido em três partes: na primeira, mostramos o percurso percorrido pela literatura infantil desde o seu surgimento até os dias atuais; apresentamos a importância da literatura na vida dos seres humanos, tanto crianças, como também adultos; demonstramos o poder e a força que os contos de fadas apresentam na vida das crianças, e vemos um pouco da produção literária de Monteiro Lobato.

No tópico seguinte, trazemos uma breve biografia do autor Monteiro Lobato e uma associação de suas obras com os temas folclóricos.

Em *Tia Nastácia e a representação da cultura brasileira*, mostramos a presença e a importância da figura da tia Nastácia na narrativa de Monteiro Lobato, destacando como ela representa o povo brasileiro, sua sabedoria em relação às manifestações folclóricas do país, mostrando dois contos do livro *Histórias da tia Nastácia*.

Por fim, apresentamos nossas *Considerações finais* em que expomos os resultados alcançados pela pesquisa, e as *Referências* que fundamentaram nossas discussões.

2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Desde seu surgimento sobre a face da Terra, o ser humano busca respostas para algumas questões que o inquietam tais como: Quem sou eu? De onde eu vim? Tais questionamentos levaram ao surgimento dos mitos, das narrativas fantásticas, ricas em simbologias, que buscavam responder às indagações humanas. E foi dessa forma, contando histórias e criando narrativas que o ser humano conseguiu

transmitir seus ensinamentos para as gerações futuras e deixar um legado imensurável de ensinamentos e conhecimentos.

Todos os povos se orgulham de sua história e buscam meios de promover e cultivar suas tradições, costumes e lendas, pois estes fazem parte de sua cultura e identidade. Dessa forma, sempre movidos pelo impulso de contar histórias e pela necessidade de comunicar aos demais suas experiências de vida desde muito cedo, foi que surgiu a literatura infantil.

Em sua origem a literatura infantil apresenta uma íntima relação com a oralidade. Segundo Cademartori (2006), as histórias milenares, antes contadas de geração em geração, foram adaptadas e agrupadas em coletâneas. A autora afirma que os contos populares do período medieval foram a mola propulsora para essas narrativas.

Cademartori (2006) defende que a literatura infantil se constituiu enquanto gênero literário, de fato, no século XVII, quando o francês Charles Perrault coletou contos e lendas da Idade Média e fez adaptações dos mesmos, constituindo os denominados contos de fadas, símbolos principais do gênero e que há séculos povoam o imaginário de crianças de todo o mundo.

É importante ressaltar que neste período, inúmeras mudanças ocorriam no seio da sociedade. Os conceitos de família e criança estavam sendo moldados e ganhando ênfase. Assim, o surgimento de uma literatura infantil apresenta ligações intrínsecas com essas transformações que ocorriam no mundo. O gênero ganha características próprias, relacionadas com a ascensão da família burguesa, da ênfase concedida à infância na nova sociedade e da organização da escola.

Segundo a pesquisadora Regina Zilberman (2003), é no século XVII que presenciamos transformações na sociedade. Muitos conceitos socioculturais sofreram alterações, outros foram criados em todas as áreas. Houve a centralização do poder em torno de um governo absolutista que acarretou no enfraquecimento dos grupos de parentesco que detinham o poder aristocrático da época. Surge assim, a sociedade burguesa e capitalista. E com isso, há um olhar voltado para a criança e a infância como fase importante da vida, mas é apenas no início do século XVIII que a criança e a infância passam a ser o centro das atenções.

Movidas por essas mudanças, o novo modelo de família, a família burguesa, diminui a importância que concedia às amas de leite, mulheres, em sua maioria escravas domésticas, que eram responsáveis pelo cuidado para com as crianças.

Elas cuidavam da alimentação e também da educação das crianças nos seus primeiros anos de vida. Isso tirava dos pais a responsabilidade pela criação dos filhos. As mudanças no pensamento social e a nova configuração da família levam à valorização dos filhos e a valorização da infância enquanto uma fase importante no desenvolvimento humano (ZILBERMAN, 2003).

As atenções se voltam para a educação formal das crianças. A educação ganha destaque, pois ela possibilita a separação entre o jovem e o homem adulto. Eis que surge o conceito moderno de infância, a criança alcança um status perante a sociedade, mas no âmbito doméstico. Assim como o papel feminino que, com a incumbência de cuidar dos filhos, isola-se da esfera pública, segundo Zilberman:

A mulher aumenta sua participação na organização doméstica, embora como no caso da criança, o acréscimo de importância no círculo privado da família corresponda à exclusão da esfera pública, acessível a todos durante o período de predomínio da estrutura de linhagens e clientela. Mulher e criança, mãe e filhos, crescem em suas funções internas, uma vez que se isolam do âmbito exterior (ZILBERMAN, 2003, p. 39).

Assim, a educação da criança passa a ser obrigação da mulher que assume seu papel de mãe transmissora dos valores morais e protetora. As mães deveriam ensinar as filhas a serem boas meninas, educadas e prendadas e aos filhos o cavalheirismo e a como se portarem perante a sociedade.

As transformações que acontecem no seio da sociedade atingem também as produções ficcionais. Como a literatura é influenciada pelo contexto sociocultural em que é produzida, a produção literária também assimilou essa nova realidade. A literatura volta-se para a criança e espelha sua representatividade na sociedade.

Zilberman (2003) afirma que a literatura passou a desempenhar uma função de transmissão de conhecimento. O ato de ler passa a ser relacionado com a importância do desenvolvimento da criança por meio da fantasia. A leitura proporcionaria ao indivíduo leitor o desenvolvimento de capacidades e habilidades intelectuais. Com isso passa-se a valorizar a literatura como instrumento pedagógico e como ferramenta importante na formação das crianças.

É assim, nesse entrecruzamento entre o real e o imaginário que a produção literária destinada ao público infantil surge. Então, entram em cena os adaptadores, como Charles Perrault, no século XVII, e os Irmão Grimm, no início do século XIX. Esses "autores" recolhem as histórias da oralidade, do meio popular, e agrupa-os

como contos de fadas, histórias que circulam de geração a geração inicialmente com propósito educativo e mais tarde recebem o status de literatura.

Dessa forma, a emergência da literatura infantil se deu, antes de qualquer coisa, à sua relação com a Pedagogia, uma vez que as histórias surgiam para servirem como instrumento dela (CADERMATORI, 2006). Foi a partir desse período que a criança ganhou mais atenção na sociedade e no século XVIII ela passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com características e necessidades peculiares e não mais um adulto em miniatura.

Vale ressaltar ainda que, em seus primeiros passos, a literatura infantil apresentava características fantásticas. O conhecimento científico ainda não fazia parte do cotidiano das pessoas e tudo era explicado por meio do mágico e do sobrenatural. O pensamento mágico imperava em lugar da lógica que hoje conhecemos. Assim, fadas, gnomos, demônios, animais faltantes e toda sorte de seres fantásticos e mitológicos compunham o enredo das primeiras narrativas infantis. O que nos leva a compreender o porquê desse gênero ter atraído as crianças, a natureza mágica e o inexplicável.

2.1 Os contos de fadas e os primeiros passos da literatura infantil

Os contos de fadas são narrativas marcadas pela presença da fantasia, são narrativas em que identificamos a intervenção de um ser dotado de propriedades extraordinárias que se coloca a serviço do herói ou heroína. Esse ser pode ser uma fada, um duende ou um animal encantado.

Nelly Novaes Coelho (2000), mostra que o elemento mágico preenche as lacunas no entendimento do mundo pela criança, no período de infância. Esse elemento seria, numa leitura mais profunda, a representação do ser adulto e sua autoridade onipotente, apresentando-o como um aliado do bem que deve ser seguido para a solução de todos os problemas.

Ainda de acordo com Coelho (2000) essas narrativas se dividem em dois gêneros diferentes: os contos maravilhosos e os contos de fadas. Os contos maravilhosos são considerados os precursores das histórias infantis e sua característica principal é a presença de personagens dotados de poderes sobrenaturais. Os contos de fadas, são narrativas de natureza mais espiritual e

existencial, têm sua origem ligada à mitologia celta, suas personagens são heróis e heroínas cujas aventuras estão sempre ligadas ao sobrenatural, ao mistério do que há além da vida. Seu objetivo é levar o leitor a uma realização interior. Por isso, a presença da fada, do latim *fatum*, que significa “destino”, nome atribuído a um ser mitológico que ocupa um lugar de destaque e que representa a realização dos sonhos do ser humano (COELHO, 2000).

Ainda segundo Coelho (2000), as fadas são seres imaginários e portadores de virtudes positivas que auxiliam na solução de problemas das mais diversas esferas. Seus poderes interferem na vida dos seres humanos de forma a auxiliá-los em situações em que não podem se sobressair sozinhos. São narrativas que sempre apresentam um final feliz e transmitem uma lição de moral.

Conforme discorremos no tópico anterior, essas narrativas circulavam na oralidade no período medieval e eram passadas de uma geração a outra, por meio de contadores de histórias, e Charles Perrault é apontado como o “pai” da literatura infantil, por ter adaptado essas histórias. A ele vinculam-se pontos básicos para o entendimento da natureza dessas narrativas literárias, tais como a sua relação com a educação, por exemplo. Vale ressaltar que, inicialmente, esses textos não eram destinados às crianças, mas aos adultos, pois continham conteúdos relacionados a adultério, canibalismo e incesto.

Sobre o surgimento dessas narrativas, Zilberman (2003) afirma:

Há um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência da família burguesa. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas inter-relacionadas, mas uma consequência que o novo posto da família e respectivamente a criança adquire na sociedade (ZILBERMAN, 2003, p. 34 e 35).

Dessa forma, a escola teve um papel fundamental no surgimento e divulgação dos contos de fadas, pois estes eram ferramentas muito úteis ao ensino das crianças. Segundo Marisa Lajolo (2012):

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo das obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outros,

como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, 2012, p. 18)

Era função da escola despertar o gosto da criança pelos textos literários e usá-los como forma de transmitir os valores necessários à vida em sociedade como, o respeito aos pais e aos mais velhos, a obediência às regras e as consequências de seu descumprimento. E sobretudo que, como seres humanos estamos sujeitos a enfrentar dificuldades na vida, mas que com esforço e dedicação somos capazes de superá-las, conforme afirma Bettelheim (2008, p. 15):

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa.

A afirmação do autor reforça os argumentos de Cademartori (2006) e Lajolo e Zilberman (2003) de que essas narrativas surgiram com o objetivo de colaborar com a educação de crianças, tendo como característica principal a presença de um herói com o qual a criança se identificaria e assimilaria as virtudes. Essa é uma característica peculiar do gênero que ainda hoje identificamos na literatura destinada a esse público, porque, segundo Bettelheim (2008):

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (BETTELHEIM, 2008, p.16).

Ao se identificar com o herói ou a heroína da narrativa, a criança visualiza a problemática da mesma, e por meio de sua experiência pessoal com o texto, compara com a sua vida cotidiana e daí determina se ela é ou não significativa. Lembrando que, é preciso levar em consideração o momento em que está inserida a criança, a sua experiência de vida pessoal, os seus conflitos, a sua história, se ela coincide com os problemas enfrentados pelo herói ou pela heroína. É por meio

dessa associação e comparação que a criança assimila a temática e descobre as soluções para seus conflitos por meio da linguagem simbólica dos textos.

Atualmente os contos de fadas encantam crianças e adultos, dada a apresentação de um mundo maravilhoso, repleto de fantasia, com a ressignificação de bruxas, fadas e duendes que passam a representar elementos da nossa sociedade contemporânea. Isso comprova a importância que os livros exercem na vida das crianças. As histórias infantis proporcionam uma viagem a um mundo desconhecido do imaginário e da fantasia. Fanny Abramovich (1999, p. 17) afirma que:

É ouvindo histórias que se pode sentir também emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

A autora nos revela a importância que os livros e histórias infantis representam na vida das crianças. As aventuras que eles proporcionam durante a leitura contribuem para a formação pessoal e coletiva do leitor. Pessoal no que se refere às descobertas pessoais e à formação da identidade coletiva, no que refere à vida em sociedade. Essa importância está prescrita nos PCNs (1998) e, atualmente, na BNCC, documento recém aprovado e que, a partir do próximo ano, irá nortear o trabalho em sala de aula.

Dessa forma, compreendemos a intrínseca relação das narrativas infantis com a ação pedagógica, pois elas surgiram como forma de educar os mais jovens e mais tarde ganharam seu status literário.

2.2 A literatura infantil e juvenil no Brasil

A literatura infantil brasileira desde suas origens, recorreu à temática, figuras e processos dos contos de fadas. Vale ressaltar que, essa é uma característica desse gênero que contribui com a formação do leitor pois,

[...] acaba por reforçar a autoimagem do leitor, colaborando para seu crescimento interior e autonomia, o que justifica não apenas a popularidade que detém até nossos dias, como também a permanência das figuras principais, convertidas, de certo modo, em símbolos de comportamentos e

ideias, ultrapassando, portanto, o âmbito primeiro dentro do qual foram criados. (ZILBERMAN, 2003, p. 92)

No início das produções literárias nacionais, observamos uma evidente recorrência dos autores aos moldes europeus. Boa parte da produção literária voltada para o público infantil, a princípio, era tradução da produção europeia ou baseada nela. Com o passar do tempo, os escritores começaram a buscar outros caminhos “menos dependentes da tradição europeia, como que nacionalizando a vertente” (ZILBERMAN, 2014, p. 92).

Data de 1894 o início da produção literária para crianças, no Brasil. Foi neste ano que Figueiredo Pimentel lançou, pela Livraria Quaresma, uma coletânea de história denominada *Contos da Carochinha*. Na obra, o autor reunia contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Alguns estudiosos da literatura infantil consideram a publicação do autor como o marco inicial da literatura infantil brasileira. No entanto, conforme Zilberman (2003), trata-se de uma coletânea de textos da tradição europeia, mas é válido o destaque, pois seu objetivo maior não era o uso escolar, mas a leitura de fruição.

Em pesquisa realizada em parceria com a professora Marisa Lajolo (2003), Regina Zilberman afirma que, anos antes da publicação de Figueiredo Pimentel, o educador alemão Carlos Jansen se dedicava à tradução e adaptação de textos clássicos da tradição europeia. Até a virada do século XIX para o século XX, a produção literária brasileira destinada ao público infantil continuou sendo, em sua grande maioria, composta por traduções e adaptações.

Após o período de independência e da proclamação da República, com o sentimento de liberdade, surgiu também o desejo de promover uma literatura voltada para as questões e a realidade nacional, mesmo que com finalidade educativa. Movido por esse desejo, Olavo Bilac publicou em 1904, *Poesias Infantis* (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003).

Dessa forma, a produção literária voltada para o público infantil passou a priorizar elementos da nossa cultura, da nossa história e tradições. O folclore nacional foi muito explorado nesse sentido. Os contos populares, que antes faziam parte da tradição oral e circulavam de geração a geração, passaram a integrar antologias de textos, com intuito de valorizar o folclore nacional. Dentre tantos escritores que fizeram uso desse elemento, Monteiro Lobato foi quem mais se

dedicou e se aprofundou nos contos populares como inspiração para sua produção literária, embora a crítica não o considere um grande admirador do folclore brasileiro, pois segundo Zilberman (2014), o autor transfere certo preconceito e desvalorização desse elemento para os habitantes do *Sítio do Picapau Amarelo*: “Liderados por Emília, eles declaram insatisfação perante a ingenuidade da expressão popular, que consideram atrasada e carente de imaginação” (ZILBERMAN, 2014, p. 93).

Tal atitude pode ser compreendida sob a ótica do contexto em que as histórias foram produzidas, um período em que se buscava “nacionalizar” a nossa cultura, ou seja, romper ou minimizar com toda e qualquer relação com elementos estrangeiros. O governo estimulava e fomentava a cultura, desde que ela atendesse a seus interesses. Segundo Zilberman (2014), a intenção de Lobato era construir uma obra que dialogasse com a cultura nacional, mas que pudesse ser universal.

No tópico seguinte, faremos uma breve abordagem acerca da produção literária de Monteiro Lobato e seu interesse pelos elementos do folclore nacional.

2.3 A produção literária de Monteiro Lobato e sua influência sobre a literatura infantil brasileira

Em 1921, Monteiro Lobato publicou *A menina do Narizinho arrebitado* e como estratégia de divulgação, distribuiu exemplares de sua obra pelas escolas públicas de São Paulo. Lobato se dedicou ao extremo à literatura infantil brasileira, tanto na produção de histórias quanto na fundação de editoras que tinham o objetivo de publicar e divulgar a literatura infantil nacional. Sua importância para esse segmento da literatura é indiscutível. Muitas gerações de autores foram inspiradas por sua produção literária.

O legado de Lobato iniciou na década de 1920 e se estendeu pelos anos seguintes. Segundo Lajolo e Zilberman (2003), nos anos 1930, surgem novos autores dedicados à literatura infantil, como Viriato Correia, Cecília Meireles e outros que escreveram poemas e histórias infantis, iniciando uma fase fértil de produção literária destinada ao público infantil especificamente brasileira.

Vale destacar que, inspirados por Monteiro Lobato, os autores que o sucederam, preservaram a preocupação em valorizar o elemento nacional, valorizando o folclore, a cultura nacional, característica peculiar do movimento modernista (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003). Essa preocupação se manifestou nas

produções literárias de diversas formas e visa fomentar o sentimento patriótico, conforme atestam Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2003):

[...] a produção e circulação no Brasil desta literatura infantil patriótica e ufanista se inspira em obras similares européias. Vale a pena observar, por outro lado, que o programa nacional de uma literatura infantil a serviço de um determinado fim ideológico é bastante marcado por um dos traços mais constantes da literatura brasileira não-infantil: a presença e exaltação da natureza e da paisagem que, desde o romantismo (ou, retroagindo, desde o período colonial), permanece como um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003, p. 37).

A valorização dos elementos nacionais se dava na exploração da paisagem, a ambientação das histórias privilegiava a natureza, evocando aspectos de sua beleza, características e variedade. Assim, a “extrema valorização da natureza se torna radical na obra que, praticamente, encerra esse primeiro período da nossa literatura para jovens” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003, p. 39).

Dessa forma o ideal de patriotismo ia se moldando nos textos desse período, embora saibamos que essa característica tem todo um viés ideológico: a rejeição do estrangeiro e valorização do que é nacional, a nossa identidade cultural.

Esse ideal patriótico manifesta-se nas imagens criadas nas narrativas e também na linguagem. Os textos, mesmo dedicados ao público infantil, apresentavam uma linguagem rebuscada e formal. Para Lajolo e Zilberman (2003, p. 40), essa preocupação “perfeccionista” com a linguagem representava:

a função de modelo que a literatura produzida para crianças assume nesse período. Assim, além de fornecer exemplos de qualidades, sentimentos, atitudes e valores a serem interiorizados pelas crianças, outro valor a ser assimilado, e que o texto deve manifestar com limpidez, é a correção de linguagem.

Isso demonstra mais uma vez a ligação da literatura infantil com a educação, isto é, seu viés pedagógico. O que não desmerece o texto literário, pois sabemos que a literatura é arte e não pode nem deve ser vista como diferente, mas também sabemos de sua função influenciadora sobre os leitores.

Nos anos 1940 e 1950, vemos o despontar de uma outra característica da literatura infantil brasileira que também tem inspiração em Monteiro Lobato: o contraste o rural *versus* o urbano. Nesse período, o Brasil vivia um momento de desenvolvimento citadino e estava deixando de ser um país rural. As pessoas

migravam das zonas rurais para as cidades em busca de um futuro melhor, com mais oportunidades de emprego. No entanto, também havia os que defendiam que o desenvolvimento poderia vir do campo e consideravam a agricultura como forte potencial de desenvolvimento econômico para o país.

Essa visão também se refletiu na literatura infantil. Surgiram obras ambientadas no ambiente rural: em sítios, fazendas, chácaras e tratando de diversos temas ligados ao ambiente rural, inclusive a cultura cafeeira. O *Sítio do Picapau Amarelo* criado por Monteiro Lobato é um exemplo disso. Nele, identificamos como cenário principal, um sítio, com suas paisagens naturais sendo valorizadas e exaltadas. A personagem Pedrinho sempre passa suas férias no sítio da avó, D. Benta, e por suas ações nas narrativas, considera esses dias os melhores de sua vida.

Embora com todo o esforço de Lobato e outros escritores que retrataram o ambiente rural em suas obras, não houve uma política econômica voltada para as comunidades rurais em nosso país e esse setor da economia continuou em decadência e a literatura, mais uma vez, refletiu essa tendência, deixando de explorar essa temática. Segundo Lajolo e Zilberman (2003), nas décadas seguintes, sobretudo a partir dos anos de 1960, as cidades, o ambiente urbano, ganham espaço na literatura infantil.

Nesse período, também, grandes nomes da literatura brasileira, que antes se dedicavam ao público adulto, voltam seu olhar para o público infantil e escrevem para esse público. Dentre eles, podemos citar: Mário Quintana, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector; mais tarde, surgem os escritores que se tornarão grandes nomes da literatura infantil como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. As temáticas abordadas nesse período são as mais variadas possíveis, desde a diversidade cultural que já se manifestava em nossa sociedade, até as denúncias sobre o período de ditadura militar que nosso país viveu (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003).

A partir dos anos 1980, a literatura infantil passa a tratar de temas sociais, tais como as questões familiares, os medos, as representações de gênero e etnia. Nesse período, ainda segundo Lajolo e Zilberman (2003), destacam-se Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e Roger Melo, contemplados com o prêmio Hans Christian Andersen, o Nobel da Literatura Infantil.

Na atualidade, a literatura infantil tem se expandido ainda mais, assumindo novas formas de circulação e suporte. Com o advento da era da informação, a

internet abriu caminhos para divulgação e circulação de obras literárias. Novos gêneros surgem e outros são renovados, mas mesmo nas obras contemporâneas percebemos a recorrência e influência da literatura lobatiana.

No tópico seguinte, trataremos sobre a recorrência e presença do folclore brasileiro na obra de Monteiro Lobato.

3 MONTEIRO LOBATO E A VALORIZAÇÃO DO FOLCLORE BRASILEIRO

Monteiro Lobato foi, sem dúvida alguma, um dos maiores escritores de literatura infantil e juvenil em nosso país. Muitos outros nomes da nossa literatura se inspiraram na obra lobatiana para escrever seus textos. Foi ele o precursor de uma literatura infantil propriamente brasileira, com a identidade e a marca da brasilidade tão almejada pelos escritores modernistas.

Para conceder esse toque de brasilidade, o autor fez uso de inúmeros elementos da nossa cultura, sobretudo do rico folclore brasileiro. Muitas crianças conheceram o folclore brasileiro lendo as aventuras de Narizinho e Pedrinho, no *Sítio do PicaPau Amarelo*. Isso não significa afirmar que a obra de Lobato foi uma cópia fiel das lendas e mitos folclóricos, pois ele também fez releituras e adaptações nestas histórias, enriquecendo-as com sua imaginação.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, cidade do interior do Estado de São Paulo, no ano de 1882. Desde sempre, deteve-se em observar e apontar os problemas e as dificuldades que marcavam a vida das pessoas rurais. Nunca poupou esforços para mostrar um Brasil desconhecido pelos brasileiros. Movido pelo sentimento nacionalista, característico dos escritores modernistas, Lobato criou a personagem Jeca Tatu, um típico caipira miserável e acomodado do interior paulista.

O Jeca Tatu é personagem da obra *Urupês*, saga criada para o público adulto, mas que pode ser considerada o pontapé inicial para o pensamento de uma produção literária voltada para a realidade social do Brasil. Se por um lado a personagem foi considerada inovadora na literatura brasileira, por outro foi vista como um apontamento preconceituoso da realidade nacional, o que causou ao escritor muitos dissabores e desafetos. Conhecido por uma produção literária de cunho social e de natureza crítica, que denuncia questões como o contexto arcaico atribuído ao universo rural e o descaso com a educação, o escritor ganhou a

contrariedade das autoridades e de parte da sociedade brasileira. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2003).

Sua obra retratou e valorizou os elementos constituintes do folclore brasileiro como forma de representação e ênfase às nossas riquezas culturais, o que demonstra a preocupação do autor com a historicidade, os costumes e tradições do povo brasileiro. Seus personagens concentram a sabedoria popular e o saber erudito, o ensinamento contido nas brincadeiras, nas cantigas de roda, adivinhas, lendas e mitos.

Para entender a importância desses elementos, citamos Souza (2013, p. 1):

As manifestações populares são elementos que ajudam na composição histórico-cultural do homem como ser social. Para tanto este precisa ter acesso às fontes culturais como forma de se relacionar com seus semelhantes, mesmo que seja em tempos tecnológicos, o espírito folclorista se firma nas relações e nas vivências contemporâneas.

Dessa forma, os inúmeros elementos da cultura popular são matéria-prima para a produção literária brasileira. Os mitos e as lendas do nosso folclore são revisitados, ressignificados ou recontados constantemente. Personagens-tipos que circulam nas histórias populares são inseridos nas narrativas e conquistam o gosto das crianças e jovens, a exemplo do já citado Jeca-Tatu, a Tia Nastácia e o Tio Barnabé, em Monteiro Lobato, e mais recentemente o Chico Bento, personagem caipira da *Turma da Mônica* de Maurício de Souza, que também tem adaptação para a literatura.

4 TIA NASTÁCIA E A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA

O livro *Histórias de Tia Nastácia* é composto por 43 contos, recolhidos do meio popular e recontados pela Tia Nastácia, que tem, no *Sítio do Picapau Amarelo*, a tarefa de apresentar às crianças a influência do folclore nacional nas narrativas infantis. Foi lançado pela primeira vez em 1937 e apresenta a Tia Nastácia como uma contadora de histórias, bem aos moldes das contadoras de histórias populares, de onde a maioria das narrativas infantis decorrem.

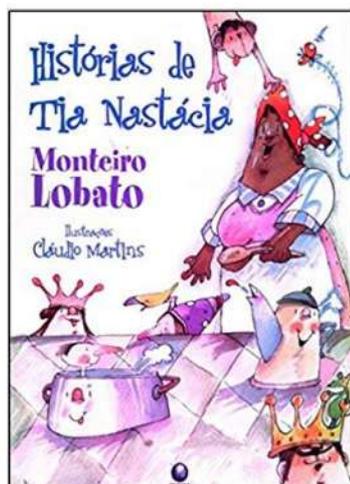


Figura 1: Capa do livro

Histórias de Tia Nastácia é marca registrada da presença do folclore na produção lobatiana. Por solicitação de Pedrinho, ela começa a contar tudo o que sabe sobre o folclore nacional. Depois de suas histórias, a Dona Benta conta histórias similares de outros países, mostrando que as tradições culturais dos povos são diferentes.

Segundo Marisa Lajolo (2001), *Histórias de Tia Nastácia* é uma coletânea que reflete as representações da cultura nacional. A Tia Nastácia é uma personagem muito presente nas narrativas de Monteiro Lobato. Ela é caracterizada como uma mulher negra, já de idade avançada, dotada de maravilhosas habilidades culinárias. Pode ser considerada como uma representante da camada mais pobre da população brasileira na sociedade pós abolição.

Ao lado de Dona Benta e do Tio Barnabé, a Tia Nastácia compõe o núcleo adulto das narrativas lobatianas. Na maioria das aventuras vividas pelas crianças do Sítio, são eles que opinam, apontam caminhos para a solução de problemas e criticam as consequências das travessuras delas. Percebe-se na narrativa que, entre a Tia Nastácia e Dona Benta há uma relação de intimidade, lealdade e cumplicidade que é estabelecida pela longa convivência das duas, para além de laços de parentesco. Não há nas narrativas de Lobato uma precisão do tempo em que Tia Nastácia vive no Sítio, mas infere-se que faça muitos anos que ela sempre esteve ali.

Embora essa relação de afinidade seja evidente, não podemos deixar de destacar a distância social e cultural existente entre as duas personagens: Dona Benta é a representante da elite brasileira, branca, sábia, muito respeitada em papel

de avó, representando o conhecimento erudito e enciclopédico. Tia Nastácia, por outro lado, é a representante do povo, da população negra e desprivilegiada, a dos saberes do senso comum, do conhecimento popular.

No entanto, essa diferença não inviabiliza a importância da Tia Nastácia, na obra lobatiana. Sem ela, o conhecimento folclórico dos moradores do Sítio não ocorreria. É nesse sentido o nosso interesse pela personagem, mesmo reconhecendo que suas formas de representação são, por vezes, passíveis de questionamento.

Na apresentação das *Histórias*, a inserção da Tia Nastácia como contadora de histórias é feita a partir da dúvida de Pedrinho sobre o termo folclore:

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emília, que andava rondando por ali:

— Vá perguntar a vovó o que quer dizer folclore.

— Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca.

— Emília do coração — disse ele — faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra folclore, sim, tetéia?

Emília foi e voltou com a resposta.

— Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal... (LOBATO, 1995, p. 7).

A curiosidade de Pedrinho que afirma que “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber.” (LOBATO, 1995, p. 7), representa o desejo de Lobato em evidenciar o conhecimento popular. Isso marca o início das *Histórias de Tia Nastácia*. Naquela noite, ela começa a contar as histórias populares para as crianças, aos ouvidos atentos da Dona Benta e do Visconde de Sabugosa.

Por causa da fronteira entre o real e o imaginário, e da concentração de elementos pictóricos nos contos, Tia Nastácia também afirma ter um certo medo de contar as histórias. Mas sua crença na fronteira entre o real e a fantasia é tão intensa que, segundo Silva e Wiegner (2002, p. 1):

[...] possui o dom da criação, o que é notório por ter sido ela a responsável pela origem da boneca Emília e do Visconde de Sabugosa. Assim, ela representa o mito prometeico, pois além de criar, conferido vida à matéria inanimada, domina o fogo, com o qual realiza a cocção dos alimentos, que migram do campo da natureza, para o da cultura e conquistam a todos [...].

Seguindo o raciocínio dos autores, a importância da Tia Nastácia reside na sua habilidade de criar, conceder vida, tecer, cozinhar e adentrar o imaginário dos ouvintes (leitores) de suas narrativas. O saber que nela reside atrai pela simplicidade e espontaneidade. Ela é parte significativa na construção do imaginário, na medida que conta as histórias para as crianças.

Além disso, a Tia Nastácia permite a presentificação do bem e do sagrado (SOUZA, 2012), uma vez que suas histórias conduzem raízes ancestrais e passam uma mensagem de ensinamentos. Nela enxergamos o empoderamento do povo, de seu conhecimento e a valorização de uma cultura marginalizada.

4.1 O bicho Manjaléu

O conto narra a história de um velho homem que era pai de três filhas muito belas. O homem era muito pobre. Certa vez, um moço montado sobre um cavalo parou de frente a sua casa e afirmou que queria comprar uma de suas filhas. O velho homem ficou ofendido e afirmou que, jamais trocava nenhuma de suas filhas por dinheiro, mas o jovem insistiu e ameaçou o homem. Sob ameaças, o velho cedeu uma de suas filhas.

No dia seguinte, a mesma cena se repetiu, outro jovem montado a cavalo parou de frente a pobre casa e fez a mesma proposta, o velho mais uma vez cedeu, sob ameaças. No terceiro dia, a cena, mais uma vez se repete e como nas duas vezes anteriores, o velho cedeu.

O velho ficou rico, porém, sem as filhas, sua companhia era um filho mais novo que fica sabendo da história e resolve partir em busca de suas irmãs. No meio do caminho, o jovem se depara com três marmanjos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave mágica.

Então, para solucionar o problema, o rapaz resolve comprar os três objetos. De posse deles, o rapaz ordena à bota que o colocasse dentro da casa da primeira irmã e assim se dá. Num passe de mágica o rapaz se vê dentro de um palácio muito bonito e luxuoso, e diante da irmã que o recebeu muito bem, porém ela se encontrava muito triste, o príncipe que a comprara, era o Rei dos peixes que era muito bravo e não lhe permitia receber visitas em seu palácio. A irmã temia que o

marido não gostasse da presença do irmão, então, ele utilizou a carapuça mágica para se esconder. No jantar, a rainha pergunta ao marido se poderia receber o irmão, ele disse que se lá o irmão dela fosse, seria bem tratado. Então o irmão apareceu e contou-lhe a história, o rei o convidou para ficar morando no palácio, mas ele recusou dizendo, que precisava encontrar as outras irmãs.

Ao permitir que o jovem fosse embora, o Rei ofereceu ao cunhado uma escama de peixe, para que, quando estivesse em perigo dissesse: “Valha-me, Rei dos Peixes!” (LOBATO, 1995, p. 10).

O jovem saiu da casa da primeira irmã e ordenou à bota que o colocasse na casa da segunda irmã. Esta havia sido comprada pelo Rei dos Carneiros, que também era muito bravo, mas o rapaz falou à irmã de seus truques e a tranquilizou. Em casa do Rei dos Carneiros, o jovem contou sobre sua jornada até ali, e também foi bem recebido. Ao se despedir, recebeu como presente um fio de lã, para que quando estivesse em perigo, dissesse: “Valha-me, Rei dos Carneiros” (LOBATO, 1995, p. 10). Ao sair do segundo palácio, o jovem pediu à bota que o levasse à casa da terceira irmã.

A terceira irmã, havia sido comprada pelo Rei dos Pombos e tudo aconteceu conforme nas ocasiões anteriores. Ao sair desse último palácio, recebeu de presente uma pena, para que, quando em perigo, dissesse: “Valha-me, Rei dos Pombos” (LOBATO, 1995, p. 10).

Nos três reinos, o jovem ouviu histórias sobre uma tal Rainha de Castela, que lhe aguçou a curiosidade, pois os três cunhados afirmaram que, se fossem donos dos três objetos mágicos, iriam fazer-lhe uma visita. Curioso, o jovem pediu que a bota o levasse até essa rainha. Ao chegar, soube que se tratava de uma princesa solteira e muito bonita. Todos que passavam na frente de sua janela a olhavam e admiravam sua beleza, por isso ela jurou que se casaria com o primeiro que passasse e não olhasse para ela. Assim fez o jovem, passou por ela, mas não a olhou. Então eles se casaram, a princesa que era muito curiosa, quis saber mais sobre os objetos mágicos do marido, e o que mais lhe chamava a atenção era a chave que abre todas as portas.

No palácio em que viviam, havia uma porta que nunca era aberta.

A razão disso era haver no palácio uma sala sempre fechada, onde o rei não permitia que ninguém entrasse. Nela morava o Manjaléu, um bicho feroz, que por mais que o matassem ele revivia sempre. A princesa andava

ardendo de curiosidade de ver o bicho Manjaléu, e certa vez, em que o rei e o marido foram à caça, pegou a chave e abriu a porta da sala do mistério. Mas o bicho feroz pulou e agarrou-a dizendo: "Era você mesma que eu queria!" E lá se foi para a floresta com a pobre moça no ombro (LOBATO, 1995, p. 10).

Ao retornar ao palácio, o pai da princesa e o seu esposo ficaram sabendo dos fatos e desesperado o marido disse às botas que o levasse para onde a esposa estava. Ele a encontrou sozinha na floresta, pois o Manjaléu estava caçando. O esposo disse que precisava matá-lo, mas não sabia onde ele escondia a vida, já que outras pessoas já haviam tentado em vão.

A princesa armou uma cilada e quando o Manjaléu voltou perguntou onde ele guardava a vida. Depois de muito insistir ele contou que estava no fundo do mar, num caixão, "nesse caixão há uma pedra; dentro dessa pedra há uma pomba; dentro dessa pomba há um ovo; dentro do ovo há uma velinha que é minha vida. Quando essa vela apagar-se eu morrerei" (LOBATO, 1995, p. 11).

Ao desvendar o mistério, o jovem partiu em busca do local em que se encontrava escondida a vida do monstro. Com a escama do rei dos peixes, o marido da princesa descobriu onde estava o caixão, abriu e lá estava a pedra; com o auxílio do fio de lã do rei dos carneiros, surgiram diversos carneirinhos que o ajudaram a quebrar a pedra. Da pedra saiu uma pomba voando, e com a ajuda da pena doada pelo Rei dos Pombos, muitos pombos surgiram e foram à caça da pomba que continha o ovo com a vela dentro. O marido da princesa a assoprou e o Manjaléu morreu.

Estava o reino de Castela livre daquele horrendo monstro. O moço levou a princesa para o palácio, onde o rei a recebeu com lágrimas nos olhos. E para comemorar o grande acontecimento decretou uma semana inteira de festas. E acabou-se a história (LOBATO, 1995, p. 11).

Essa a história que abre a contação de Tia Nastácia na coletânea. Ao término, ela ouve aos julgamentos de seu público. A primeira a manifestar-se é Emília, que afirma que as histórias do folclore são bobas e atribui ao povo que as cultiva, muita ingenuidade. Narizinho concorda com Emília, em tom mais suave, afirma que a história é muito ingênua: "– Eu também acho muito ingênua essa história de rei e de princesa e botas encantadas [...]. Depois que li Peter Pan, fiquei exigente. Estou de acordo com Emília" (LOBATO, 1995, p. 12).

Percebe-se na fala da menina a prioridade concedida à cultura escrita sobre a oralidade e às histórias estrangeiras e clássicas. Pedrinho é quem sai em defesa de Tia Nastácia e sua história, ao afirmar: “- Pois eu gostei da história [...] porque me dá a ideia da mentalidade do nosso povo. A gente deve conhecer essas histórias como um estudo da mentalidade do povo” (LOBATO, 1995, p. 12).

Observa-se na fala da personagem a intenção do autor em evidenciar a importância do folclore nacional, defendendo a criatividade presente na cultura popular. Tia Nastácia ouve as críticas, um pouco resignada, mas Dona Benta intervém:

- Vê, Nastácia, como está ficando este meu povinho? Falam como se fossem gente grande, das sabidas. Democracia para cá, folclórico para lá, mentalidade... Neste andar meu sítio acaba virando Universidade do Pica-pau Amarelo (LOBATO, 1995, p. 12).

A fala da Dona Benta reconhece a valorização do conhecimento transmitido às crianças e enaltece a importância do convívio entre pessoas de idades diferenciadas. Aponta para o conhecimento enciclopédico e para as histórias folclóricas narradas por Tia Nastácia.

4.2 A Madrasta

O conto *A Madrasta* traz a presença do diálogo com inúmeras histórias clássicas. Sendo este um traço característico da obra de Monteiro Lobato, de acordo com os estudos realizados por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2003), toda a obra do autor pode ser considerada exemplo de intertextualidade, que incorpora realidades históricas e culturais do Brasil e de outras partes do mundo.

O conto mostra a história de três meninas filhas de um pai viúvo que resolve casar-se de novo. A escolhida para o casamento é uma mulher muito má e ambiciosa que cultivou ódio das meninas e logo passa a maltratá-las:

No quintal havia uma grande figueira. Quando chegou o tempo dos figos, a madrasta botou as meninas lá tomando conta para que os passarinhos não bicassem os figos.
As três coitadinhas passavam debaixo da figueira o dia todo, dizendo aos sanhaços que se aproximavam:
Xô, xô, passarinho,
aí não toques o biquinho.
Vai-te embora pro teu ninho... (LOBATO, 1995, p. 27).

Movida pela ambição de ter a atenção do marido só para si e pelo ódio às meninas, a madrasta manda que enterrem vivas as enteadas quando o marido sai em viagem. E quando este retorna, diz que as meninas foram acometidas de grave doença e não resistiram.

No lugar em foram enterradas as meninas surgiu um lindo capinzal de seus cabelos que, quando atingidos pelo vento, murmurava os mesmos versos que as meninas recitavam para espantar os passarinhos da figueira. Os empregados, em especial um negro que servia ao viúvo, notou o fenômeno sobrenatural e o contou ao patrão que, a princípio, não quis acreditar:

... e disse-lhe que cortasse o capim com murmúrio e tudo. O negro obedeceu. Mas quando levantou a foice, ouviu novamente a misteriosa voz, que dizia:
 Capineiro de meu pai,
 não me cortes os cabelos;
 minha mãe me penteava,
 minha madrasta me enterrou
 pelo figo da figueira
 que o passarinho bicou (LOBATO, 1995, p. 27).

O empregado correu mais uma vez ao encontro do patrão e narrou o acontecido. Este dirigiu-se ao capinzal e presenciou o fenômeno. Então mandou que escavassem o local e de lá retirou milagrosamente as filhas vivas. E ao voltar para casa, encontrou a madrasta “estrebuchando” por um castigo do céu.

Observa-se na narrativa a presença de inúmeros elementos da tradição popular: a devoção, a crença em milagres e a presença de fatos sobrenaturais. Um elemento característico dos contos tradicionais é a figura da madrasta má, que evidencia o diálogo intertextual com as histórias clássicas que também foram recolhidas da tradição oral.

O conto é bem curto, mas muito significativo, ele nos remete a uma reflexão muito atual em nossa sociedade: a atenção dos pais para com seus filhos. Na sociedade atual, presenciamos um distanciamento muito grande entre pais e filhos. O trabalho, a busca por melhores condições de vida têm feito com que os pais deixem seus filhos cada vez mais expostos à ação de terceiros, possíveis “madrastas más”, que representam metaforicamente o mal na sociedade e como as crianças estão suscetíveis a ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o termino deste trabalho, observamos que a literatura infantil é de extrema importância para a formação leitora das crianças e jovens, e que a obra de Monteiro Lobato pode auxiliar satisfatoriamente nessa formação.

Mesmo ressalvadas algumas características temporais da obra, o uso de um vocabulário que necessita atualização e de um contexto que favorece a discussão, sobretudo na aprendizagem de questões éticas, étnicas e sociais, a obra lobatiana tem importância na escola e na formação leitora porque capacita levantar questionamentos e impulsiona o trabalho com o folclore, a interseção com outras obras e comprova as mudanças socioculturais que tem sido empreendidas através dos séculos.

Com a pesquisa e a leitura das *Histórias de Tia Nastácia* foi possível conhecer um pouco mais sobre o surgimento da literatura infantil, e de como ela foi representada no Brasil. Conhecemos a crítica de Lobato ao nacionalismo e às desigualdades sociais; vimos os seus personagens representativos do povo, o tratamento que era lhes dado em detrimento da cultura letrada e, principalmente, como as histórias populares, as crenças, mitos e lendas convivem com as histórias clássicas, por serem milenares e permearem o imaginário de um povo.

Foi de extrema importância conhecer a personagem Tia Nastácia, pois ela recebe, nessa tarefa de repassar as histórias do imaginário, um protagonismo que ainda não se tinha observado nos contos tradicionais. Não é comum nesses contos a voz de representantes do povo, pessoas comuns que se encontram nas raízes culturais e sociais de nossa história. Quando muito, esses representantes são figuras grotescas, maldosas e invejosas que, no final, são severamente punidas.

Mesmo que concordemos que a presença da Tia Nastácia nessas histórias é relativamente tímida, uma vez que promove mais sua contação para os demais personagens do Sítio, por uma certa imposição do menino Pedrinho, ainda assim, percebemos que sem a presença dela o acesso ao conhecimento popular e às histórias do folclore nacional não aconteceria.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo, Scipione, 1990.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1989.

LAJOLO, Marisa. Negros e Negras e Monteiro Lobato. In: _____. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globinho, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.